

Trinta anos depois: Um depoimento muito pessoal

Affonso Ávila

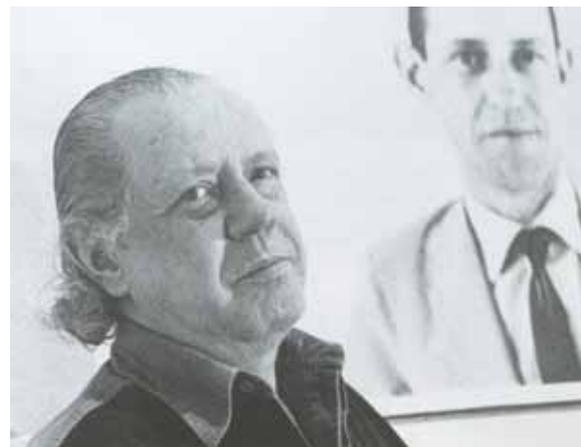
Poeta, estudioso do barroco e ensaísta belorizontino, possui extensa obra bibliográfica. Fundou a revista *Vocação* e integrou a revista *Tendência*. Organizou em 1963 a *Semana Nacional de Poesia de Vanguarda*, realizada no saguão da Reitoria da UFMG. Em 2003, participou do evento comemorativo dos *30 Anos da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda*. Em 2008 foi homenageado com a exposição *constructopéutico – affonso80anosávila* no Palácio das Artes e publicou *Homem ao termo – Poesia reunida*, pela Editora UFMG.

RESUMO

O texto “Trinta anos depois: Um depoimento muito pessoal”, aqui reproduzido, foi escrito em 1993 pelo poeta Affonso Ávila para o evento comemorativo dos **30 ANOS DA SEMANA NACIONAL DE POESIA DE VANGUARDA**, que marcou a emergência da poesia de vanguarda em Minas Gerais. No depoimento, o poeta faz um balanço, trinta anos depois, da Semana de 1963, que marcou a emergência da poesia de vanguarda em Minas Gerais. A reprodução desse texto e do cartaz do evento, que acompanha esse volume, têm como objetivo divulgar os primórdios de atividades intermediárias no Estado, contribuindo assim para o estudo dessas manifestações, e criando um vínculo com as atuais pesquisas sobre intermedialidade apresentadas nesta revista.

Vivíamos o segundo lustro da década de 50. Formava-se a consciência brasileira de um projeto de modernização estrutural: político, econômico, social, cultural. Juscelino, Brasília e a industrialização. O automóvel superava o trem-de-ferro da história. Era a velocidade ideológica versus a inércia do sistema. Configuraram-se então os paradigmas do pensamento de revolução: a) a **consciência crítica** versus a **consciência ingênua**, no conceito de Álvaro Vieira Pinto; b) o conceito de **redução sociológica**, de Guerreiro Ramos, com seu emblema: o **Fenemê**, num repensamento do conceito oswaldiano de **antropofagia**: apropriar, deglutir e tornar “nosso”.

A “inteligência nacional” estava assim em alerta. Jovens mineiros, a caminho da idade iluminadora dos trinta anos, são instigados pelo **pensamento ideológico** e assumem uma **posição crítica** diante do momento político e cultural do país. Dá-se o aparecimento da revista **Tendência**. Seguir-se-ia a dialética evolução crítico-ideológica da revista, a dialética **perplexidade crítico-criativa** de seus integrantes. Um crítico da época assinalaria: “**Tendência** é a primeira revista brasileira a chamar o artista para a sua missão imediata” (Assis Brasil). Ocorreu de início, com o grupo **Tendência**, “uma preocupação voltada mais para o imperativo da tomada de consciência perante um fato social e humano **nosso e novo**, que o escritor não poderia ignorar ou escamotear, sob pena de **alienar-se**” (de depoimento nosso para a **Revista de Cultura Brasileira**, Madri). Embora fixasse, na apresentação/ manifesto do n.º 1 (agosto de 1957, isto é, há precisamente **36 anos**), que o seu ponto de partida seria “a descoberta de formas literárias que correspondam à consciência nacional” e que “nesta **pesquisa**” é que se empenharia, a tese-plataforma de **Tendência**, consubstanciada também nos estudos assinados e objeto de amplo debate crítico na imprensa especializada, ou seja, na **mídia** do tempo, foi muitas vezes incompreendida, ao cúmulo de ser encarada por alguns setores como postulação de um **nacionalismo** conteudístico e fechado às **experiências da linguagem**. Longe dessa posição que se poderia hoje acoimar de **xiita**, o que buscávamos, como no livro-âncora de Álvaro Vieira Pinto, era identificar, como fulcro para um projeto **novo** para a literatura brasileira naquela curva crucial de nossa cultura recente e pós-modernista, uma **consciência e realidade nacional**, no mesmo “direito à pesquisa” que, 35 anos antes de nós, antes de 1957, haviam preconizado os modernistas de 1922. Reafirmando que tudo o que desejava era “**atribuir um caráter de maior ou de mais exigência ao livre exercício da crítica e orientar ou dar sentido positivo ao esforço de pesquisa formal**”, o grupo compareceu em 1958 com o segundo número da revista, dirigida a princípio por Fábio Lucas, depois por Rui Mourão, mas obedecendo sempre a uma orientação coparticipativa de todos os seus membros,



Affonso Ávila, organizador da Semana de 1963.

uma orientação portanto democrática e pluralista. No terceiro número, datado de 1960, já se pregava na apresentação a necessidade de “**estabelecer-se uma frente única, nacional**” e se defendia o investimento cultural para o **futuro**, o imperativo de, nos vários setores, o país “**armar laboratórios que trabalhem para o futuro**”. E nos abríamos não só para uma **pesquisa grupal**, mas para uma **pesquisa e criação interativa dos vários grupos de vanguarda**. Acentuava o **manifesto em progresso de Tendência 3**: “**Se fecharmos nosso grupo, tornar-nos-emos uma igreja. Se abirmos o debate, poderemos estar contribuindo para a fecundação de uma ideia**”. E o núcleo propulsor dessa **ideia** – enfatizava-se – “**desde o primeiro número desta revista, foi de sugerir as bases da formação de uma consciência crítica em torno do fenômeno literário**”. Dois anos depois, já em plena **década crucial de 60**, ou mais precisamente no tenso e intenso ano pré-revolucionário progressista e crítico de 1962, **Tendência 4** fazia uma autocrítica avaliadora de sua posição desde 1957 e, encarecendo-a dialeticamente, de novo reafirmava o primado programático da **consciência crítica**, do **nacionalismo crítico**: “**A arte é de natureza crítica, ela em si mesma constitui uma investigação sobre a essência da coisa nacional, dentro do quadro humano universal de uma época**”, ela, **a arte**, nesse sentido, “**levanta uma lógica, constrói, funda uma realidade**”. E dentro dessa **lógica**, **Tendência 4** saudava o “salto participante” do grupo paulista de **Noigandres** e dava aberta continuidade ao chamado “diálogo **Tendência-concretismo**”, iniciado em convívio crítico-afetivo no inolvidável Congresso de Assis, de 1961.

Queremos deixar bem claro que **este depoimento**, feito aqui nesta avaliação dos 30 anos da **Semana de Poesia de Vanguarda**, é um depoimento **pessoal**, bem **pessoal**, nada mais do que isso.

Cada fato tem suas várias ou diferentes versões e outros hão de pensar de outro modo, a seu **modo**, o que foi **Tendência**, o que foi a **Vanguarda** dos anos 50/60, o que foi a própria **Semana**. Daí nós, enquanto poeta, entendermos que uma autor-releitura crítica da **poesia de Tendência** talvez possa explicar o que foi a mesma **Tendência**, sob um ângulo **criativo**, ou melhor, **evolutivo** de um processo de **linguagem artística** tal qual se preconizava ou se compreendia no âmbito do **projeto Tendência**. Aquela bipolaridade, aquele confronto dialético de **consciência crítica** versus **consciência ingênua** que nos teorizava o ideólogo-maior do pensamento do tempo no Brasil – Álvaro Vieira Pinto, encontrava-se também a **nosso** ver, ao ver deste poeta, na linha evolutiva semântico-formal que perpassa os quatro números de **Tendência**.

Iniciando-se numa postura a seu tanto ainda **tímida**, de predominância **tematizante**, a poesia de **Tendência** evolui como os próprios postulados de **Tendência** para uma dicção ao mesmo tempo de radicalização de pesquisa e de **denúncia** ou desvelamento semântico. No número **culminante** da revista, o n.º4, a poesia de **Tendência** otimiza o caminho de **consciência crítica** diante da **linguagem** mas igualmente da **realidade** do poeta. O poema **Carta sobre a usura**, com seu pretexto **mineiro-poundiano**, é um **poema-ponte** rumo ao **futuro** da obra individual mas **solidária** do poeta, obra que **explicará** muito do **ser** do poeta enquanto homem diante de seu destino, de sua **ratio**, seu **logos**, porém alguma coisa também daquele sonho criativo-ideológico que foi o sonho da **Tendência**, o **pathos** de **Tendência**, na perspectiva – repetimos – em que **nos** relemos enquanto **poeta de Tendência** no instante **vivo** e **ativo** da revista, do grupo, do movimento, perspectiva hoje **historicizada** contudo pelo olhar distanciador e implacável do tempo.

A Semana Nacional de Poesia de Vanguarda derivava naturalmente do braço poético, da vertente poética de **Tendência**, mas seu projeto teria logo apoio amplo e intergruppal, principalmente através de Haroldo de Campos, já àquela época o mestre de entusiasmo e vitalidade que assombra pelo poder polarizador do exemplo. Antes, porém, devemos referir alguns fatos que, concomitantes à atuação de **Tendência** e ao projeto da **Semana**, ocorreram com efeitos fecundos no palco cultural brasileiro. Primeiro, a visita importante e catalisadora de Jean-Paul Sartre ao país, no momento mesmo em que o filósofo francês empunhava a bandeira do engajamento intelectual e político do escritor, do artista, e propugnava a autodeterminação das nações do hoje chamado Terceiro Mundo. O sucesso de seu livro “Furacão sobre Cuba” era o estopim dessa conscientização e sua vinda ao Brasil influiria no aparecimento entre nós de um fenômeno político-cultural bem mais aceso, aquilo que poderíamos denominar, em palavras de hoje, como uma verdadeira **síndrome participante**. Nós, os moços de **Tendência**, tivemos uma oportunidade que talvez haja faltado, por circunstâncias fortuitas, a outros grupos de jovens em ação na época: um encontro pessoal e fecundo com Sartre, em sua estada em Minas, quando apresentamos a ele a nossa revista e expusemos ao então líder do pensamento engajado no mundo as nossas ideias, o programa do movimento mineiro. Sartre escutou-nos com a paciência do sábio, reflexionou conosco alguns pontos principais e, com a autoridade para nós sacralizada de sua liderança superior, animou-nos a prosseguir na direção crítico-ideológica que defendíamos.

Esse episódio do encontro com Sartre nós, o poeta de **Tendência**, o mencionáramos um ano depois, no famoso Congresso de Assis, de 1961, ao formular a nossa intervenção escrita na discussão da

tese, impactante e surpreendente para todos ali presentes – “Situação atual da poesia brasileira”, apresentada por Décio Pignatari, documento hoje histórico em que o grupo **Noigandres** de São Paulo se situava no processo de engajamento em curso no pensamento nacional do instante, anunciando o “pulo da onça”, o “salto participante” da poesia concreta. Estabeleceu-se então, como em passo de mágica, uma empatia ideológico-afetiva entre os poetas de Minas – nós e Laís, ali em loco, e os “concretos” presentes – Haroldo e Augusto de Campos, Décio Pignatari e o depois tão esquivo José Lino Grunewald. Ali traváramos também uma amizade eletiva, que o tempo escandiria e lapidaria como um sentimento de irmão, com esse doce e generoso filósofo Benedito Nunes, que mal entrecruzara conosco, dez anos antes, em outro memorável Congresso, o de 1951 em Porto Alegre, presidido por Graciliano Ramos, em que formávamos a mesma bancada “júnior”, no mesmo banco de aspirantes à aventura das letras. O Congresso de Assis foi uma confluência crítica e recíproca avaliação de gerações, oportunidade rara de recontro positivo entre a mentalidade sancionada e a mentalidade em ebulição de nossa literatura. Lembra-nos bem que, ao conhecer ali pessoalmente Antonio Candido, tivemos então a audácia, que Haroldo de Campos também teria, de refutar ao crítico já eminente certas postulações de sua recém-publicada “Formação da literatura brasileira”. Candido ouviu-nos entre paternal e cavalheiro e retrucou-nos: “**Pois escreva o seu estudo sobre o barroco, Ávila, será importante**”. Esse o Congresso de Assis, estância de “salto qualitativo” de nossa geração, evento sobre cujo significado observamos há alguns anos em São Paulo, em conversa com Haroldo: “**Assis foi tão marcante que hoje, independentemente das posições pessoais assumidas por cada um,**

pode-se dizer que boa parte do que existe de mais representativo no atual ensaio, atual crítica, atual poesia, atual magistério das letras no Brasil esteve presente em Assis, passou pela experiência curricular do Congresso de Assis.”

O contato com os “concretos” em Assis assinalaria o início efetivo do “diálogo **Tendência-concretismo**”. Já na verdade existia entre nós – o poeta de **Tendência** – e os paulistas uma amizade implícita desde a década de 50, quando trocávamos com mútuo interesse os nossos primeiros livros: o “Carrossel”, do Décio, “O rei menos o reino”, do Augusto, o “Auto do possesso”, do Haroldo, o nosso “O açude”. Uma amizade implícita, portanto, desde os “**temas da extrema juventude**”, como está na dedicatória com que Augusto nos mandou o livro de estreia. E havíamos feito também, em nossa coluna do extinto “Diário de Minas”, o primeiro registro mineiro do aparecimento da revista deles, **Noigandres**. Mas a abertura efetiva do “diálogo” se deu a partir do Congresso de Assis. Haroldo e Décio fizeram, logo a seguir, uma viagem a Minas, a primeira visita deles a Minas, onde travariam conhecimento pessoal com Rui Mourão e Fábio Lucas, além de descobrirem o barroco mineiro. Seguiu-se ruidosa troca de cartas-debates, de artigos às vezes polêmicos no Suplemento Literário de “O Estado de S. Paulo”, numa discussão em que alguns oportunistas do tempo tentaram pegar carona. Tudo se consolidaria, todavia, com a publicação de importante artigo de Haroldo – “A poesia concreta e a realidade nacional” – no número 4 de **Tendência** e, no mesmo ano de 1962, a publicação também de um depoimento nosso – “**Carta do solo** - poesia referencial” – no número 2 da nova revista dos paulistas, **Invenção**, de que saíram cinco números, três dos quais com colaboração poética nossa, do poeta de **Tendência**. Na nova revista, sem dúvida a mais marcante

publicação das vanguardas nos anos 50/60, os “concretos” abriam um leque de interesse crítico-criativo bem maior do que o de **Noigandres**, ao mesmo tempo bem menos ortodoxo, com participação da gente mais expressiva então atuante nas linhas avançadas da poesia, do ensaio, da tradução, das artes visuais, da música: foi em **Invenção** que se divulgou, por exemplo, o “Manifesto da nova música brasileira”, subscrito pelos jovens compositores de vanguarda do país.

Outros desdobramentos do “diálogo” viriam, assim, naturalmente. Nós – o poeta de **Tendência** – e Haroldo passamos mesmo a pensar na formação de uma “Frente única nacional de vanguarda participante”, inclusive com uma frustrada tentativa de reconciliação entre os grupos “concreto” de São Paulo e “neoconcreto” do Rio, então já tacitamente rompidos. De nossa parte, o poeta de **Tendência** tomou a si a tarefa de contatos mais difíceis, politicamente mais delicados, e esteve sucessivas vezes no Rio, conversando com um, com outro, gente de facções engajadas diferentes e até divergentes. Participamos mesmo de duas reuniões do CPC, o famoso Centro Popular de Cultura de Carlos Estevam, movimento bem “partidão”, àquela altura metido também na aventura editorial de engajamento popularesco do “Violão de rua”. Uma reunião foi na Faculdade de Direito Cândido Mendes, outra na casa do Ferreira Gullar, um casarão velho em Ipanema, bem ao jeitão dele, com poucos móveis e nenhuma decoração. Gullar nos saudou meio irônico na porta de entrada: “**Então hoje estamos com gente importante aqui!**” Contatamos também remanescentes do antigo Suplemento do “Jornal do Brasil”, como Roberto Pontual, que tinha trânsito livre entre os “neoconcretos” e que, ocupando então alto cargo no Ministério da Educação e Cultura do governo Jango Goulart, viria a desempenhar função estra-

tégica na viabilização da **Semana**, não só atraindo o ministro para a abertura do encontro de 63, como ajudando a captar recursos para um evento de elevado custo como seria aquele. Outro contato na área dos remanescentes do Suplemento renovador de Oliveira Bastos e Mário Faustino foi com o “benjamim” deles, o José Guilherme Merquior, que andara em namoro com o grupo “Práxis”, do qual vinha, no entanto, se afastando.

Quando o reitor Orlando de Carvalho, homem de formação udenista, mas sensível às ideias novas, intelectual corajoso e independente – que nesta lembrança queremos homenagear –, quando Orlando de Carvalho, dizíamos, nos acenou com a possibilidade de patrocínio pela Universidade de Minas Gerais (não tinha ainda o título de Federal) de um encontro ou exposição de arte ou poesia de vanguarda, não definia ele bem, quando pintou o ensejo de um evento de tal ordem, não hesitamos: o campo já estava preparado e poderíamos partir sem dúvida para a explicitação poético-ideológica de uma “Frente única nacional”. Comunicamos o fato ao Haroldo, com quem mantínhamos uma linha aberta permanente – nessa época, como no verso de Manuel Bandeira, “**telefonávamos, telefonávamos**”... e o Haroldo, reconhecendo com seu discernimento crítico e perspicácia política a importância da oportunidade que nos era dada, passou a articular a presença do grupo “concreto”, quer através de palestras e debates, quer principalmente da exposição de um repertório didático-criativo de poemas-cartazes. Passamos, de nossa parte, a articular também a ampliação do caráter intergrupual e mesmo nacional do encontro, voltando a contatar nossas relações cariocas de que já falamos e que poderiam afinar-se com o sentido ao mesmo tempo **vanguardista e participante** do projeto, além de estendermos nossas consultas a elementos-chaves do norte-nordeste, como o pensador de nossa geração Benedito Nunes, no Pará, e, no Recife, um moço com quem nos correspondíamos há algum tempo, graças à aproximação entre nós feita pelo amigo comum João Cabral de Melo Neto, moço que fazia despontar então o seu futuro e excepcional talento de ensaísta: Luiz Costa Lima. Depois de toda essa “costura” política, ao melhor estilo Tancredo Neves, estavam asseguradas as bases de sucesso da **Semana**.

O que foi a Semana Nacional de Poesia de Vanguarda no seu programa e estrutura, vocês poderão concluir pela notável mostra documental com que, nos trinta anos do evento de 63, busca aqui, neste espaço cultural da UFMG, proporcionar hoje, com admirável competência, ao conhecimento e reflexão das novas gerações a Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte. Devemos lembrar, porém, que a **Semana** teve de vencer obstáculos

naturais num meio ainda culturalmente tímido como era a Belo Horizonte de três décadas atrás, com seus menos que setecentos mil habitantes, e, mais do que isso, a desconfiança e o temor que um cometimento de semelhante teor obviamente causaria num contexto reacionário como o mineiro à época, ideológica e visceralmente comprometido já com o golpe de direita que a partir daqui se tramava no país. Lembra-nos bem que, uma hora antes da abertura da **Semana**, fomos chamados ao gabinete do Reitor, que nos comunicava: **“A polícia acaba de me telefonar perguntando se eu não tenho receio de acolher tantos comunistas de uma vez na Reitoria da Universidade”**. Mas firme e determinado como sempre, Orlando de Carvalho acrescentou: **“Vamos em frente, Ávila, nós não tememos a reação, é um fato cultural marcante para a Universidade e para Minas”**. Tudo transcorreria e transcorreu sem atropelos, com a presença inclusive de representante do governador Magalhães Pinto, que continuava simulando seu “namoro” com as esquerdas, e não seria numa solenidade presidida pelo próprio ministro de Estado da Educação e Cultura, o então prestigiado líder democrata-cristão Paulo de Tarso, que o raposão mineiro do Palácio da Liberdade iria entornar o caldo...

Os poemas-cartazes polarizariam atenção e curiosidade maiores do que os debates que se seguiram às palestras de Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Roberto Pontual, Luiz Costa Lima e Fábio Lucas, esse focalizando de um prisma bem acentuadamente **seu** a poesia do egresso de **Tendência**, que ora faz a vocês este depoimento. O material exposto impactava o público relativamente grande presente, pela contundência formal e revolucionária dos poemas, entre os quais figuravam trabalhos de jovens mineiros, àquela altura atraídos e meio fascinados pela lingua-

gem de vanguarda. O pensamento progressista da mulher brasileira deu seu tom de destaque à exposição, através de Laís Corrêa de Araujo, essa “mulher forte do Evangelho” que, nos anos sombrios que se seguiriam ao vindouro março/abril de 64, simbolizaria de modo quase solitário mas exemplarmente corajoso, na sua poesia e sobretudo na sua temida coluna “Roda Gigante”, a resistência de quase vinte anos da verdadeira mulher mineira, imagem então deturpada caricatamente pelo conúbio místico-festivo com os agentes da truculência obscurantista do regime militar.

A **Semana** deu imediato retorno, quanto à sua repercussão, que incluiria seguidas visitas de curiosos, jovens interessados em arte e poesia e, de modo singular, caravanas de estudantes que os colégios levavam até a então longínqua sede da UFMG na Pampulha. A imprensa local se comportou como se diante de um fato novo, com as opiniões divididas entre o choque cultural e a admiração pelo insólito e inusitado. Os acadêmicos não entenderam nada do que acontecia, os tradicionalistas foram cautelosos nas manifestações e, por incrível que pareça, apenas uma ala de intelectuais e artistas novíssimos se mostrou hostil e até agressiva. Eram os chamados “cult-gays” provincianos, rapazes ilustradinhos, penteadinhos, fresquinhos, mas alienados do que ocorria no Brasil, do que

ocorria na vanguarda da cultura do momento no país e no mundo. O mentor dos jovencitos, embora mais atilado do que os epígonos, gritava historicamente de sua coluna de jornal: **“A arte é o homem: que a nação seja defendida nos comícios!”** – e, enquanto se desculpava dizendo que não queria passar pelo Monteiro Lobato da **Semana** mineira, ironizava em “off” a presença dos “concretos” destilando piadinhas do tipo “nóis é grande”, é isso, “nóis é grande”. Um desses “cult-gays” montaria mesmo, já perpetrado o “golpe de 64”, no Museu de Arte local, um “espetáculo” de poesia em que, numa réplica ingênua à **Semana** de 63, **invertia** o sentido da “Servidão de passagem” exposta no saguão da UFMG, falseando, aguando assim o verso-lema **“A poesia é para”**, de Haroldo de Campos. Entretanto, tínhamos em mão firme o maior jornal de Minas, de que éramos editor de cultura, e jogamos pesado no “marketing” e cobertura do evento, ainda que tivéssemos a premonição de que estávamos colocando a prêmio a nossa cabeça, como de fato viria a acontecer no março/abril de 64, com a nossa demissão do jornal e até mesmo a ameaça de perda de nosso emprego de subsistência.

A repercussão nacional da **Semana**, por seu turno, foi satisfatória, como podem concluir da documentação ora aqui reunida e exibida pelos pesquisadores da Secretaria Municipal de Cultura, com destaque para a importante e lúcida carta-reflexão de João Cabral de Melo Neto, que até agora era conservada inédita. No exterior, houve também ressonância: em Buenos Aires, a revista **Actitud**, de orientação igualmente engajada, deu matéria especial, enquanto em Madri, meses depois, a **Revista de Cultura Brasileña**, dirigida pelo poeta Ángel Crespo, organizaria, motivada pela **Semana** mineira, um número extraordinário sobre a vanguarda no Brasil, com depoimentos

não só de participantes ou expositores do evento de 63, como ainda de outros intelectuais, entre eles Manuel Bandeira, Murilo Mendes e Guimarães Rosa. Na distante Tóquio, a revista **ASA** publicava, em japonês, uma síntese da **Semana**, ao passo que no México a revista de poesia **Parva** editava número especial focalizando a vanguarda de Minas, com notas críticas e traduções. E houve mesmo gente conceituadíssima que superestimasse o evento da Pampulha: o eminente crítico de língua espanhola Guillermo de Torre, no volume terceiro de sua **“História de las literaturas de vanguardia”**, publicada em Madri no ano de 71, chegou a supor que a **Semana Nacional de Poesia de Vanguarda “quiso equipararse en importancia con la que siempre recuerdan los brasileños, la de Arte Moderno de 1922”**. Não pretendíamos tanto e talvez a conclusão de Guillermo de Torre tenha partido do epíteto **Semana**, adotado quem sabe por um sentimento moço de entusiasmo pelo encontro mineiro de 63.

“SÃO IMPRESCINDÍVEIS O EMPENHO E A CONSCIÊNCIA DA CRIAÇÃO DE NOVAS FORMAS E PROCESSOS PARA O DESENVOLVIMENTO E O AVANÇO DA POESIA BRASILEIRA, QUE, ORA E AQUI, SE REAFIRMA E CONSOLIDA COMO VANGUARDA PARTICIPANTE. ESTA POESIA TEM FUNÇÃO CRÍTICO-CRIATIVA EM ÂMBITO NACIONAL E INTERNACIONAL”, sintetiza o documento final da **Semana** de 63, documento logo tornado histórico pela precipitação dos acontecimentos brasileiros. Truncada ela em seus propósitos por uma situação política imposta e adversa, até que ponto os primados da **Semana** de Vanguarda influiriam no desdobramento do projeto poético nacional? É uma pergunta a que o tempo não respondeu a contento e que se reformula aqui, neste instante, no ciclo de reflexões que hoje assinala, como uma efeméride da história cultural moderna

do país, o trintenário do evento de 63. De nossa parte, reafirmando que este documento é **pessoal**, informal e ao seu tanto emotivo, deixamos que fale a consciência avaliativa de outros companheiros que participaram daquele encontro de trinta anos atrás, mais aptos por certo do que nós para julgar com isenção crítica o destino da Semana de Vanguarda, se foi ela minimizada, postergada ou apenas inviabilizada em seus princípios pela fatalidade histórica. Em nosso caso individual, confessamos que tudo fizemos para que assim não fosse: a **Semana**, a **frente participante**, o contato, a transa, o trânsito nas vanguardas nos ensinaram demais, nos deram consistência de atuação intelectual para romper preconceitos e amarras formais e ideológicas, para encarar sempre “o novo com a coragem do novo”. Quanto aos jovens que vieram depois, que exemplo, que legado receberam das vanguardas dos anos 50/60? Acreditamos que muito, bastando para isso considerar na sua índole mais vigorosa a poesia nova que a elas sucedeu, cujo paradigma sem dúvida pode ser aquele Rimbaud paranaense que, na ânsia dos seus 17 ou 18 anos, surpreendeu a **Semana** de 63 como uma estrela cadente, com o fulgor instantâneo e comunicante de seu talento em explosão: Paulo Leminski, nosso saudoso Leminski. Os moços das gerações subsequentes aprenderam das vanguardas a lição maior de criatividade, de contenção e eficácia da linguagem, aprenderam a repudiar o “**DENTRO DO FÁCIL/ FORA DO PERIGO**”, a assumir o risco, meu caro Décio, de serem “**osso e medula na geleia geral**”, de não temerem, querido Augusto, “**a margem da margem**” com um “**viva à vaia**”, aprenderam, enfim, meu irmão Haroldo, que “**poesia é uma questão de competência**”.

Que alegria podermos, do alto dos 65 anos, como outros navegadores-Colombos da linguagem, trazer à reflexão de vocês, de vocês jovens poetas, de você meu filho poeta, trazer à nossa própria e às vezes desencantada reflexão as palavras da “Mensagem” de Fernando Pessoa:

“OUTROS HAVERÃO DE TER
O QUE HOVERMOS DE PERDER.
OUTROS PODERÃO ACHAR
O QUE, NO NOSSO ENCONTRAR,
FOI ACHADO, OU NÃO ACHADO,
SEGUNDO O DESTINO DADO.”

Obrigado.